

OS REARRANJOS FAMILIARES EM BOTELHOS (MG) NO CONTEXTO DO MOVIMENTO MIGRATÓRIO BRASIL – ESTADOS UNIDOS

Carlos Antonio da SILVEIRA JUNIOR¹

RESUMO

O movimento emigratório de brasileiros em direção aos Estados Unidos, principalmente a partir de meados dos anos 1980, tornou o Brasil conhecido como um país de emigrantes. As migrações internacionais portanto, colocam-se hoje como questões de relevada importância tanto para os países receptores, quanto para os países de onde partem tais pessoas. Botelhos, situada ao sul de Minas Gerais, é uma das cidades atingidas por tal movimento. O presente trabalho, baseado em pesquisa qualitativa, procura analisar a influência que a saída de botelhenses provoca sobre as famílias, e como as próprias famílias influenciam o movimento. A presença das redes sociais permite trocas de informações entre Brasil e Estados Unidos, auxiliando no fluxo migratório. O caráter transnacional deste movimento envolve não somente um conjunto de relações sociais, mas também questões emocionais, que ligam os emigrantes com aqueles que ficaram no Brasil.

Breve Histórico

Desde meados dos anos 1980, o Brasil vem se caracterizando como um país de emigrantes que se destinam, principalmente, para os Estados Unidos. As migrações de brasileiros para os EUA são notícias constantes nos meios de comunicação como internet, jornais e telejornais. Dessa maneira, milhares de pessoas deixaram e deixam o país em busca de melhores condições de vida para si e para os seus familiares. Trabalhando, em sua maioria, sob condições clandestinas, estes brasileiros realizam atividades que grande parte dos americanos recusam. A importância desses recentes fluxos migratórios torna-se visível na medida em que representa novas situações tanto para os países que são os “expulsores”, quanto para aqueles que recebem. Embora representem apenas 2% da população total do planeta os fluxos migratórios são suficientes para que sejam tomadas medidas para impedir essa entrada maciça de grande contingente populacional nos países “receptores”.

¹ E-mail: juniorffc@yahoo.com.br

Objetivos

Uma vez que a Botelhos possui aproximadamente 2,5 mil a 3 mil habitantes³ morando nos Estados Unidos, ou seja, cerca de 20% do total da população, analisamos os efeitos deste movimento migratório em algumas das famílias destas pessoas que deixaram o município de Botelhos em direção aos Estados Unidos. O presente estudo procura traçar o perfil desses emigrantes, inclusive verificando quais destes são ou não chefes de família. O principal enfoque se dá em torno das famílias, nas quais buscamos perceber como (e se) as relações sociais são alteradas, e como ocorreriam os rearranjos no interior das mesmas, que funcionam não somente como um núcleo de expectativas financeiras, mas também emocionais. Também buscamos entender como as famílias provavelmente influenciariam o movimento migratório, e como o próprio movimento influenciaria as famílias, sem claro deixar de focar questões como as redes sociais envolvidas no processo e o caráter transnacional do movimento. Enfocaremos neste trabalho a maneira como os migrantes revalorizam seu trabalho num outro contexto. Ainda abordamos a opinião de diferentes denominações religiosas sobre a questão migratória.

Desenvolvendo A Pesquisa: Perfil Dos Emigrantes

O trabalho se desenvolveu em torno de numa pesquisa qualitativa, na qual foram entrevistados emigrantes retornados (em definitivo ou temporariamente) e seus familiares, bem como a família daqueles que estão ausentes (em definitivo ou temporariamente⁴). Neste sentido foram realizadas 15 entrevistas com um total de 21 entrevistados. Destas, 9 entrevistas foram com emigrantes retornados e suas famílias, e 3 entrevistas com os familiares dos emigrantes ausentes. Somam-se ao número de entrevistados os dirigentes espirituais (2) e o funcionário da prefeitura (1). No entanto, trabalharemos com um total de 17 emigrantes entre retornados e/ou ausentes.

³ Os números são estimativas obtidas no Fórum da cidade aonde se verificam os números de eleitores que não votaram nas últimas três eleições, e que não justificaram seus votos e/ou morreram. Tais títulos são cancelados, e pela não procura para a sua regularização, são estimados que estão vivendo no exterior. Cabe salientar que não há como documentar oficialmente a saída dessas pessoas uma vez que a saída é ilegal na maioria das vezes. Desta forma o número exato não é possível, trata-se apenas de uma estimativa.

⁴ Os nomes de todos os entrevistados foram trocados por nomes fictícios

Dos emigrantes analisados no momento da entrevista, e aqui englobamos tanto os retornados quanto os ausentes, podemos especificar que 13 pessoas são homens e 4 são mulheres. A idade no momento da primeira emigração (entendida aqui como a primeira vez que a pessoa deixa o país em direção aos Estados Unidos), embora não seja homogênea, caracteriza sem dúvida alguma que as pessoas possuíam uma idade relativamente jovem ao migrar. Outra característica observada quanto ao perfil dos emigrantes é que no momento da emigração, tomada aqui pela primeira vez, 10 dos entrevistados não eram chefes de família, enquanto 7 se declararam chefes de família.

O status profissional antes de emigrar se distribui em torno de trabalhadores rurais, isto é, bóias-frias, faxineiras, pedreiros, professores(as), mecânicos, comerciantes, vendedores, estudantes e desempregados no momento da emigração. Em relação ao grau de instrução, 7 declararam ter o ensino médio completo/incompleto, 6 ensino fundamental completo/incompleto, 2 curso técnico e 2 ensino superior completo/incompleto. Quando da sua estada nos Estados Unidos, trabalharam/trabalham na construção civil, em lanchonetes, como babás, como diaristas, como mecânicos, como lixeiros, como jardineiros e como motoristas. Do total, 15 disseram que emigraram por motivos econômicos enquanto 2 relataram que viajaram a fim de aprender a língua e conhecer a cultura. De qualquer forma, os emigrantes se situam no mercado de trabalho secundário, onde há uma rotatividade muito grande de trabalho. E muitos chegam a exercer mais de dois trabalhos ao mesmo tempo.

Redes Sociais e Transnacionalismo

Quanto às expectativas de retorno tanto daqueles que estavam nos Estados Unidos, bem como daqueles que estavam no Brasil no momento das entrevistas, verificamos que suas expectativas se mostraram contraditórias e ainda não muito bem definidas. Isto pode sugerir que embora os ausentes queiram visitar seus familiares no Brasil, nem todos pretendem morar no aqui e sim nos Estados Unidos, da mesma forma que dentre aqueles que desejam visitar mais uma vez os Estados Unidos, muitos querem permanecer lá em definitivo. Estes números tão apertados podem indicar (devido à amostra ser muito

pequena), uma divisão entre as expectativas temporárias e definitivas de permanência nos dois países.

O migrante, muitas vezes (tanto aqueles que partem ao estrangeiro, quanto os que apenas migram internamente), tem como objetivo retornar em algum momento à terra natal. Todavia, para que o migrante retorne, ele depende que primeiro seus objetivos (que foram traçados antes de partir) sejam realizados. Esta condição de migrantes temporários (ou permanentes), leva-nos a entendê-los como transmigrantes. Pensar os migrantes como transmigrantes, como transnacionais é não esquecer que os migrantes desenvolvem atividades entre os dois lugares ao mesmo tempo. Na sua relação com a família que fica, e sua ligação com a sociedade “expulsora”, o envio de dinheiro, a construção de casas, as viagens para ver a família, tanto quanto com a sociedade “receptora” de onde ele tira toda a condição para poder enviar dinheiro aos seus familiares, incluindo as formas de comunicação hoje tão modernas, rápidas e fáceis, entre os dois lugares. E isto constitui a contradição do migrante.

Devemos entender as redes sociais na migração como um mecanismo defendido pelos atores sociais, estes entendidos não somente como aqueles que ficam, mas abrangendo toda a família e a sociedade nativa. Logo, podemos perceber que tais redes não “agem” sobre o indivíduo determinando uma ou outra escolha. Ela abre um campo em potencial de relações, e como tal, de forma concreta, o indivíduo pode aderir ou não a ela; no entanto, sua relação com essa rede não nasce aleatoriamente.

Os números obtidos das entrevistas em Botelhos revelam que todas as pessoas que emigraram para os Estados Unidos possuíam ou possuem parentes ou amigos no referido país. Neste sentido, dos entrevistados (ausentes e retornados), 16 disseram que havia algum parente ou amigo esperando-os no momento da chegada aos Estados Unidos. Aqui cabe salientar que destes, a imensa maioria que os esperava eram parentes (irmãos, cônjuges, primos, etc). Quando indagados pela forma como viajaram, 10 viajaram acompanhados, não necessariamente com parentes, mas com amigos ou conterrâneos, enquanto apenas 7 viajaram sozinhos. Dentre os entrevistados, todos relataram que já moraram com algum conterrâneo em algum momento nos Estados Unidos. No entanto, é importante relatar que a estada com conterrâneos ocorre quando da chegada ao país. Isto evidencia a importância

das redes sociais num primeiro momento. Eles recebem apoio, moradia, alimentação, além é claro de dicas de emprego, para a sua manutenção nos Estados Unidos.

A imensa maioria dos emigrantes reside ou já residiu em algum momento na região da Grande New York, como Port Chester, Mount Vernon. Margolis (1994) já havia observado imigrantes brasileiros nestas cidades. Sem dúvida alguma, esses núcleos refletem o amadurecimento das redes migratórias. Isto explica porque as redes sociais de certa forma limitam o alcance de quem migra e quem não migra. Embora ela se estenda a cada momento em que chegam mais e mais imigrantes, ela se circunscreve apenas a eles: “desta forma, somente aqueles locais circunscritos pela extensão das redes de relações sociais, principalmente de parentesco e amizade, canalizam fluxos importantes para os Estados Unidos”. (FUSCO, 2001, p. 10).

As redes sociais são ainda mais fortificadas quando pensamos que do total de entrevistados, 13 se comunicavam com seus parentes por telefonemas, enquanto 3 pela internet e apenas 1 por cartas. Desse total, ao analisar a frequência com que se comunicam, 9 relataram que mantinham contato diário (por telefone ou pela internet), enquanto 3 se comunicam/comunicavam semanalmente, outros 3 quinzenalmente, e a menor parte, 2 mensalmente. Fato já observado por outros pesquisadores, essa frequência com que se comunicam vai contra a lógica da acumulação que os migrantes se propõem. Definitivamente, esse contato ocasiona altos custos para os migrantes, uma vez que eles se comunicam mais por telefone e muitas vezes, mais de uma vez ao dia. Outro exemplo é o site⁵ na cidade que permite ver como as pessoas que emigraram para os Estados Unidos estão. Neste site é possível saber das festas que os emigrantes participam, o serviço que desempenham, etc; ao passo que aqueles que estão nos Estados Unidos também podem acompanhar o cotidiano daqueles que ficaram. Este tipo de comunicação via internet inaugura um momento de contatos virtuais que permitem não ouvir somente a voz, mas ver e acompanhar todo o cotidiano das pessoas, tanto as que estão nos Estados Unidos, quanto as que ficaram no Brasil. A criação deste site mostra como a questão migratória é relevante para a cidade, demonstrando uma certa organização por possibilitar o contato entre os dois lugares. A presença destes mecanismos de contato entre os Estados Unidos e o Brasil, especificadamente Botelhos reflete a importância das redes sociais como auxiliadora na

⁵ www.noiteirada.com.br. Acesso em: 16 jun. 2006.

manutenção destes imigrantes nos Estados Unidos. Desta forma estes migrantes se constituem como transmigrantes, uma vez que possuem variadas formas de relacionamento (hoje encurtadas as distâncias pelos modernos meios de comunicação) mantidas entre os dois países.

Família Migrante em Foco

Dentre os entrevistados, 11 disseram que as remessas auxiliavam de maneira efetiva as famílias, sendo que eles também disseram ter ajudado os parentes ou demais amigos em algum momento. Dos entrevistados, 5 disseram que em algum momento ajudaram a Igreja (nas suas várias denominações religiosas). Esses dados demonstram o caráter dessa migração. Embora uma minoria invista em estabelecimentos comerciais, a grande maioria ajuda a família de forma efetiva, ou seja, como principal ou até mesmo a única fonte de recursos desta. Neste sentido, quer como chefes de família ou não, eles contribuem com a sobrevivência e até mesmo com a redução da pobreza sua e de seus familiares. Os dados obtidos a esse respeito junto ao funcionário da prefeitura municipal vão ao encontro dos dados obtidos nas entrevistas, 9 dos entrevistados disseram que as remessas têm por objetivo a obtenção de imóveis, 4 de carros, 3 disseram que já abriram ou pretendem abrir um estabelecimento comercial e apenas 1 disse que não investiu na cidade. Assim o investimento na cidade fica circunscrito à obtenção de imóveis ou carros em sua grande maioria. Dentre os estabelecimentos comerciais abertos com recursos provenientes dos Estados Unidos de forma direta ou indireta⁶, há padarias, lojas de material de construção, bares, lojas para artigos de festas, oficinas mecânicas entre outros.

A família migrante não se apresenta somente como um local de desconstrução das relações familiares. Tais relações podem ser reconstruídas, segundo Assis (2003, p. 45) “num contexto em que também se redefinem as relações de gênero”. Desta forma, pensar a migração é levar em conta as variáveis gênero, família, classe, etnia, pois o movimento migratório não está simplesmente restrito ao âmbito econômico. Ele engloba sentimentos,

⁶ Chamo de forma direta aqueles estabelecimentos que foram abertos com dinheiro vindo exclusivamente para este propósito. De forma indireta chamo aqueles comércios que foram abertos com dinheiro ganho no Brasil, mas que só foram possíveis graças ao dinheiro vindo dos Estados Unidos, onde primeiro os retornados ou parentes compraram algum imóvel e com o dinheiro desta renda (aluguel, ou revenda) montaram seu próprio negócio.

laços afetivos que possibilitam rearranjos familiares. Além disso, não podemos entender o movimento migratório tomando apenas como referencial a figura masculina. As mulheres se apresentam como participantes essenciais e efetivas nos movimentos migratórios, seja cuidando dos filhos e do dinheiro enviado, seja dando apoio aos filhos para que consigam permanecer nos Estados Unidos, ou forçando-os a voltar para o Brasil. Os familiares atuam diretamente no movimento migratório, seja a família que fica no Brasil, a família que acompanha aquele que migra até os Estados Unidos, ou a família que se forma em outro país. E desta forma elas influenciam a permanência ou não dos emigrantes nos Estados Unidos.

Os relatos evidenciaram que a maioria daqueles que já voltaram (em definitivo ou temporariamente), assim o fizeram ou o farão para estar com seus familiares. Enquanto dentre aqueles que pretendem ficar em definitivo nos Estados Unidos, a maioria formou núcleos familiares neste país. Assim, a família se mostrou um lugar em que se desenvolve a maioria das expectativas de retorno ou permanência dos emigrantes. Esses dados obtidos nas entrevistas vêm ao encontro daquilo que Assis (1999, p. 377-378) coloca: “as redes sociais baseadas em laços familiares e domésticos de amizade e comunitários [...] modelam os efeitos da migração – desde a migração, a imigração, a migração de retorno e a continuidade dos fluxos migratórios”.

Todavia, não podemos afirmar que a formação familiar que se estabelece nos Estados Unidos ou que já está formada no Brasil, é condição “*sine qua non*” da permanência nos Estados Unidos ou não. Ela é uma variável que acompanha e influencia nas tomadas de decisões. A alteração nas relações de gênero e sua influência nas famílias podem ser explicitadas em algumas entrevistas. Para tanto, selecionamos alguns estudos de caso que mostram com mais clareza as alterações citadas. A emigração de José Carlos, por exemplo, mostra como as alterações nas relações familiares foram ocorrendo ao longo do tempo. Sua esposa, Maria Antonia nos contou a respeito da primeira emigração de seu esposo para os Estados Unidos. Para ela foi muito difícil, pois era muito jovem e já tinha dois filhos pequenos; sentiu muita falta do marido já que não havia ninguém para ajudá-la a cuidar dos filhos. Num outro momento, quando da segunda emigração, o casal possuía quatro filhos. Maria Antonia contou-nos que desta vez já estava mais acostumada, pois já havia enfrentado esta experiência no passado. É importante mostrarmos como as relações

de gênero e a posição de cada um dentro da família foram se alterando. Embora Maria Antonia sempre tenha trabalhado, com a emigração do marido, ela assumiu os papéis de mãe e pai ao mesmo tempo. Trabalhava, cuidava dos filhos e realizava todas as tarefas domésticas.

As remessas enviadas pelo marido são administradas por ela. E é ela quem decide no que e como investir. Segundo Maria Antonia: “... ele fala assim: ‘te mando o dinheiro e você faz o que der pra fazer.’” (informação verbal)⁷. Logicamente o marido participa das decisões tomadas. No entanto, quem escolheu o terreno onde foi construída a casa nova, bem como tudo que foi preciso para construí-la, e a compra de mais um sítio, foram todas decisões tomadas em sua maioria por ela própria. Percebemos aqui que a mulher organiza a família bem como as despesas, e a maneira de se investir o dinheiro enviado. A decisão que o marido tomou de não regressar por enquanto, se deve ao fato de ainda possuir alguns objetivos traçados em conjunto com a esposa, como ela mesma diz: “Anteontem estávamos conversando e ele falou assim que agora, enquanto esses dois não estiverem com diploma (os filhos mais velhos), ele não vem embora, vai ficar uns quatro anos lá”. (informação verbal)⁸.

Observamos que o planejamento daquilo que desejam ocorre em conjunto, ou seja, a vinda do marido é adiada enquanto seus últimos objetivos não forem conquistados, a saber, que os filhos cursem uma universidade. Enquanto isso, a esposa acumula as funções de pai e mãe ao mesmo tempo em que trabalha. A figura paterna ainda é vista fortemente na pessoa do pai, pois quando indagada se os filhos obedecem ao pai, mesmo este estando longe, Maria Antonia disse-nos que sempre obedeceram, mesmo residindo nos Estados Unidos. Ao contrário do que poderia sugerir, a emigração de José Carlos não desestruturou sua família, muito ao contrário, ela ficou ainda mais unida. É o que Maria Antonia declarou: “Eu e ele, acho que nós somos muito mais ligados hoje do que antes. Quando ele tava aqui, não falava nada, não tinha o que falar... agora não, melhorou 100%”.(informação verbal)⁹.

⁷ Informação fornecida por esposa de emigrante ausente em julho de 2006.

⁸ Informação fornecida por esposa de emigrante ausente em julho de 2006.

⁹ Informação fornecida por esposa de emigrante ausente em julho de 2006.

Os papéis exercidos pela mãe mostram como o movimento migratório pode alterar as responsabilidades das pessoas, e as atividades que a partir daquele momento devem ser realizadas.

Podemos explicitar mais um exemplo. A família de Rafael vive o processo migratório já há algumas gerações. Ele emigrou em 1986 deixando sua esposa com os filhos ainda pequenos. Sua esposa, originária de Manaus, ficou com os filhos e contou com a ajuda de sua sogra¹⁰ que lhe deu todo o apoio necessário, enquanto Rafael estava nos Estados Unidos. Ele, porém, voltou muito rápido. Assim que chegou nos EUA tratou de comprar sua passagem de volta para que quando quisesse voltar, nada mais o prendesse. Portanto, quando completou um ano e dois meses de sua partida, ele voltou: “Eu não agüento, sou muito caseiro [...] voltei porque não agüentava mais, um desespero. E eu adiantei a minha vinda e cheguei no dia do meu aniversário aqui”. (informação verbal)¹¹.

Com o passar dos anos, além de ter um filho emigrante, atualmente seu genro está nos Estados Unidos. E sua filha, esposa do emigrante, mora com eles juntamente com a neta de Rafael, ainda pequena. Nesta família, Lúcia (filha de Rafael) mora com sua filha na casa dos pais e é ela, assim como foi a mãe no passado quem cuida dos recursos enviados pelo marido. No entanto, ela tem o apoio da família que a ajuda a cuidar da neta e também opina na maneira de se investir melhor o dinheiro enviado.

Percebemos ao longo da história migratória da família, como as mulheres em determinados períodos assumem ao mesmo tempo os papéis de pai e mãe, seja cuidando dos filhos, ou administrando o dinheiro. Lúcia e sua filha, na ausência do marido, ficaram sob a responsabilidade dos pais. “No caso da Lúcia, está tudo normal, o que tem aqui em casa estamos juntos. Ele (o genro) está lá juntando dinheiro, construindo uma casa, está fazendo a vida”. (informação verbal)¹². O esposo de Lúcia, não pretende ficar nos Estados Unidos, assim que conseguir seus objetivos, pretende voltar. Contudo, Lúcia assume um papel semelhante àquele exercido por sua mãe no passado, enquanto esta repete o papel da

¹⁰ A sogra de Maria Isabel teve papel importantíssimo na emigração de Rafael e também na emigração de seus outros filhos. Ela os incentivou a irem aos Estados Unidos procurarem um futuro melhor. “Eu fui porque minha mãe sempre quis que os filhos melhorassem de vida. E ela dizia: ‘você vai, vai...’” (Rafael, emigrante retornado). Ela ainda ajudou a nora a cuidar dos filhos, como Maria Isabel mesmo coloca: “Foi ruim demais. Primeiro é que eu não tinha minha família aqui, sou de Manaus, e estava grávida. Fiquei com dois filhos e grávida de mais um, sozinha. Porque quando tem parente (...) apesar de que tive uma sogra que foi mais que mãe pra mim. Então não posso reclamar de nada”.

¹¹ Informação fornecida por emigrante retornado em julho de 2006.

¹² Informação fornecida por emigrante retornado em julho de 2006.

sua sogra ajudando a cuidar da neta na ausência do pai. Segundo Lúcia, “agora eu já acostumei, mas no começo foi difícil, e ela também (a filha) agora já acostumou, embora quando ele foi, ela tinha um ano. Eu não saio, não tenho vontade de sair, não pretendo ir pra lá...” (informação verbal)¹³. A história migratória familiar impulsiona a todos os membros da família a se adaptarem e a se acostumarem sempre com a falta de um de seus membros que se dirigem aos Estados Unidos. E neste movimento, os papéis estabelecidos por cada membro são reavaliados e modificados constantemente.

Nos exemplos analisados acima, percebemos a importância que a família ocupa no processo migratório. As relações de gênero aí se estabelecem de uma maneira dinâmica, alterando os papéis dentro da família. A maior evidência das mulheres nos estudos abrangendo migração, mostram que “as mulheres deixam de ser vistas apenas como ‘aquelas que esperam’, mas como parte desse movimento de ‘fazer a América.’...” (ASSIS, 2002, p.148), ou ainda, evidenciando que as mulheres participam do processo migratório “... tanto assegurando as redes de migração nos locais de origem, quanto no de destino. Isso possibilita às mesmas, mudanças significativas nas identidades de gênero...” (ASSIS 1999, p.379). Logo, ao falarmos de família nos processos migratórios, estamos tratando das relações de gênero e de suas mudanças sociais e econômicas que interferem de maneira direta na constituição da família. A constituição da família e sua influência no movimento migratório acontecem também nos Estados Unidos. A sua formação em solo americano permite que também os laços afetivos com a nação hospedeira, no caso os Estados Unidos, sejam fortificados, re-significados.

Ficou claro nestes exemplos acima, selecionados dentre muitos outros coletados, que a família está presente tanto na decisão de migrar, quanto na decisão de permanecer ou não nos Estados Unidos. No entanto, a emigração modifica as configurações da família alterando os papéis que comumente pais, mães e filhos desempenhariam. A sua dinamicidade ao longo do processo migratório exerce influência na maneira como os membros se percebem dentro da própria família e de como eles se adaptam às novas situações.

Percebemos ainda nos depoimentos que a decisão de migrar não somente em fatores econômicos ou familiares, mas relacionados a toda uma forma de ver os Estados Unidos

¹³ Informação fornecida por filha de emigrante retornado e esposa de emigrante ausente em julho de 2006.

difundida não somente pelos brasileiros que para lá se dirigem e criam toda uma “imagem” dos Estados Unidos, assim como Victor relata “... aqui não tem futuro, cidade pequena. Então quem sonha com uma casa própria, um carro, tem que ir embora daqui...” (informação verbal)¹⁴. E também a toda uma forma de vida, um estilo transmitido pelos meios de comunicação como TV, jornais, seriados, etc. Somado a essa imagem formada pelos brasileiros antes de emigrar, temos todo um conteúdo de imagens formadas já nos Estados Unidos por esses emigrantes. A maneira como os migrantes percebem o trabalho e a si mesmos nos Estados Unidos compõem este imaginário das relações entre estar no Brasil e/ou nos Estados Unidos. Conseqüentemente, tanto a sua situação como trabalhador braçal e a sua identidade nacional são re-significadas. Embora a maioria dos entrevistados esteja nos Estados Unidos ilegalmente, desenvolvendo trabalhos que aqui no Brasil não seriam valorizados, pois não ganhariam aqui o que recebem nos Estados Unidos realizando as mesmas tarefas, ou seja, de trabalhadores braçais, o que ocorre é uma revalorização deste mesmo trabalho e de sua condição de ilegalidade: “eu prefiro trabalhar de faxineira lá do que aqui. Se você chega numa loja e vê um 'som', você parcela pra comprar. Lá você trabalha dois dias e compra um 'som' muito melhor do que aqui (no Brasil)”. (informação verbal)¹⁵.

Logo, o trabalho nos Estados Unidos agrega novos significados. Uma vez que as relações sociais no Brasil são mediadas por aquilo que Sales (1999) denomina como “Fetichismo da Igualdade”, “que encobre as diferenças pelo encurtamento das distâncias na convivência informal, no mito da democracia racial, no jeitinho que tudo aproxima mantendo o cerne das distâncias (SALES, 1999, p. 204). Nos Estados Unidos, os emigrantes percebem que não precisam de seu status de “doutores” de nomes de família para serem bem tratados ou terem poder de compra. Há a construção de um outro tipo de igualdade. É uma contradição em que a pessoa se sente “alguém sendo igual, quando sua experiência prévia é a de só se sentir alguém sendo superior”. (SALES, 1999, p.205).

¹⁴ Informação fornecida por emigrante retornado em julho de 2006.

¹⁵ Informação fornecida por emigrante retornado em julho de 2006.

A Emigração Sob a Ótica das Igrejas

Nas entrevistas realizadas com os dois dirigentes espirituais, ambos relataram que há membros de suas comunidades religiosas nos Estados Unidos. Segundo os dirigentes, nenhuma das denominações religiosas promovem algum trabalho específico com os emigrantes e suas famílias. Há, porém, uma ajuda “normal” que eles prestam a qualquer pessoa, quer esteja nos Estados Unidos ou não. No entanto, as famílias daquelas pessoas que deixam o país sempre as procuram a fim de obter aconselhamentos, não somente espirituais, mas também no tocante à administração do dinheiro, à tomada de decisões como, por exemplo, se devem ou não realmente ir para os Estados Unidos, ou até mesmo como conciliar conflitos dentro das próprias famílias.

No entanto, a questão principal com que eles se preocupam é a desestruturação familiar causada pela emigração. Para os dirigentes, seria necessário um maior planejamento familiar a fim de que a família não sofra tanto. Para padre Benedito, se a pessoa que for para os Estados Unidos for casada, ele aconselha que não fosse nenhum dos dois. No entanto, se for, que deveria ir o casal junto. “Eu não sou a favor de ir um dos dois apenas”. De forma similar, pastor Clemente coloca que “eu tenho visto muitos pais que tem estado lá e que não tem visto os filhos crescerem. São apenas mantenedores da família”. (informação verbal)¹⁶. O discurso dos dirigentes espirituais se situa, portanto, na desestruturação familiar, para eles o pior lado da emigração.

Comentários Finais

Embora não seja possível demonstrar toda a pesquisa neste breve artigo, temos que o movimento emigratório não envolve somente questões monetárias. Para entendê-lo temos que nos situar também no âmbito das relações sociais. E temos que entender a família como a principal impulsionadora deste movimento e a que permite sua manutenção até os dias atuais, de forma que não somente as famílias influenciam o movimento migratório, mas este também exerce sua influência sobre elas. Desta maneira, este objeto de pesquisa não se

¹⁶ Informação fornecida por dirigente espiritual em fevereiro de 2007.

esgotou nesta pesquisa. Esta sim é a porta de entrada para que possamos entender as especificidades de movimento emigratório.

Referências

ASSIS, G. O. Os novos Fluxos da população Brasileira e as Transformações nas Relações de Gênero. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE MIGRAÇÕES, 2., 1999, Ouro Preto. *Anais....* Belo Horizonte: Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 1999, v. 1, p. 369-385.

_____. *Estar Aqui, Estar Lá ... Uma Cartografia da Vida entre o Brasil e os Estados Unidos*. Campinas: Núcleo de Estudos da População/UNICAMP, jun. 2002.

_____. *De Criciúma para o mundo: Gênero, família e Migração*. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL, GÊNERO E MOVIMENTOS SOCIAIS, 2., 2003, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis, 2003.

FUSCO, W. *Redes Sociais na Migração Internacional: o caso de governador valadarenses*. Campinas: Núcleo de Estudos da População/UNICAMP, 2001.

GEIGER, P. Migrações Internacionais e Transnacionalismo na Atualidade. *Revista Brasileira de Estudos da População*, [s.l.], v.17, n.1/2, jan./dez. 2000.

MARGOLIS, M. *Little Brazil : Imigrantes Brasileiros em Nova York*. Tradução de Luiza A. Araújo e Talia Bugel. Campinas: Papirus, 1994.

SALES, T. *Brasileiros Longe de Casa*. São Paulo: Cortez Editora, 1999.

ARTIGO RECEBIDO EM 2007